

GT 05 - LETRAMENTOS, ALFABETIZAÇÃO E TECNOLOGIAS - LAT**PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUA MATERNA EM FASE MULTIVOCABULAR INICIAL**Liliane Pereira de França¹Sirlene Antonia Rodrigues Costa²**Resumo**

Esse artigo teve por objetivo analisar como se dá a aquisição da linguagem em crianças na fase multivocabular inicial, nomenclatura de Radford apud Cezario e Martelotta (2008) para designar a faixa etária entre 18 a 24 meses. Para tanto, as principais teorias e hipóteses concernentes à aquisição de linguagem, publicadas por autores que se dedicam a discutir a questão, foram analisadas. Desse modo, foram trabalhadas as abordagens behaviorista, inatista e construtivista (em suas vertentes cognitiva e interacionista) e a hipóteses de uso e de imitação. Além das discussões teóricas, foram apresentados alguns procedimentos metodológicos da pesquisa de campo desenvolvida em uma turma de “Berçário B”, de uma creche municipal de Anápolis, a fim de relacionar as atividades práticas com algumas teorias divulgadas sobre os processos de aquisição da linguagem. Diante disso, percebeu-se que não há somente uma teoria ou hipótese que consiga responder a todas as questões relacionadas ao processo de aquisição de linguagem. Em alguns momentos, elas se complementam, em outros, existem lacunas que ainda carecem de respostas.

Palavras-chave: Aquisição. Linguagem. Crianças. Fase Multivocabular Inicial.

Introdução

Há muito tempo, o modo pelo qual uma criança aprende sua língua materna tem aguçado a curiosidade de pesquisadores e leigos. De acordo com Scarpa (2012), registros remontam ao século VII a.C., quando o rei do Egito, Heródoto, realizou uma experiência na qual duas crianças foram confinadas desde o nascimento até os 2 anos de idade, sem qualquer convívio com humanos. Tal experimento objetivava descobrir a língua mais antiga do mundo por meio da primeira palavra que as crianças emitissem.

¹ UEG - lilianefranca1@gmail.com

² UEG - sirleneletras@bol.com.br

A autora cita dois tipos de metodologias utilizados nas pesquisas de Aquisição da Linguagem: o longitudinal e o transversal. O primeiro caracteriza-se pelo registro das falas das crianças ao longo do tempo, em diários ou gravações de áudios ou vídeos, e o segundo trabalha com a obtenção de dados experimentais e engloba um número maior de sujeitos, geralmente divididos em faixas etárias.

A Aquisição da Linguagem é área comum de interesse de diversos campos do conhecimento tais como a Psicologia, a Linguística e as Neurociências. Divide-se em subáreas de estudos como a aquisição de língua materna, a aquisição de segunda língua e aquisição da escrita, letramento, processos de alfabetização, entre outros. A atenção multidisciplinar que a Aquisição de Linguagem tem recebido demonstra a complexidade e a relevância de investigações científicas acerca desse tema.

A presente pesquisa tem como interesse central investigar como se dá a aquisição da linguagem em crianças na fase multivocabular inicial, nomenclatura utilizada por Radford apud Cezario e Martelotta (2008), e que corresponde à faixa etária entre 18 e 24 meses. O primeiro capítulo evidenciará as principais abordagens e hipóteses de aquisição de linguagem a partir do ponto de vista de teóricos como: Martelotta (2008), Santos (2012), Scarpa (2012) e Grolla; Silva (2014). Assim, serão abordadas as seguintes teorias: behaviorista, inatista e suas hipóteses maturacional e continuísta, construtivista, em suas vertentes cognitivista e interacionista, e as hipóteses de uso e imitação.

O segundo capítulo é destinado aos procedimentos metodológicos e tratará dos instrumentos e dos sujeitos da pesquisa. Já o terceiro capítulo dedica-se à análise dos dados coletados na pesquisa de campo, realizada com crianças entre 18 e 24 meses, de uma classe de Berçário “B”, de uma creche municipal de Anápolis, Goiás, e sua relação com as teorias anteriormente citadas.

Aquisição de Linguagem: Apontamentos Gerais

Os estudos sobre Aquisição de Linguagem passaram a ganhar mais expressividade científica no final da década de 1950. Em 1957, o psicólogo Skinner, em sua obra *Comportamento Verbal*, considerou a linguagem como consequência dos mecanismos de estímulo-resposta-reforço. Assim, a linguagem é adquirida através do condicionamento de comportamentos. Grolla e Silva (2014, p.44) afirmam que “a criança aprenderia sua língua materna porque seria estimulada positivamente quando produzisse enunciados corretos e negativamente quando os enunciados contivessem algum erro”. Dessa forma, as crianças são condicionadas a produzirem enunciados linguisticamente corretos.

Em 1959, surge a teoria inatista, defendida por Noam Chomsky. Scarpa (2012) afirma que para Chomsky os mecanismos de condicionamento não são capazes de contemplar a complexidade do conhecimento linguístico. Para o linguista, o ser humano dispõe de bases biológicas e universais para adquirir linguagem. A linguagem, então, pertence a um domínio cognitivo e biológico, e o ser humano é dotado de uma Gramática Universal (GU), com princípios universais relacionados à linguagem, o que lhe propicia desenvolvê-la nos primeiros anos de vida.

De cunho inatista, surgem as hipóteses maturacional de Radford apud Cezario e Martelotta (2008) e a continuísta de Hyams apud Cezario e Martelotta (2008), as quais investigam como as crianças adquirem os elementos de sua língua. A primeira afirma que as categorias lexicais se manifestam antes das funcionais e propõe 4 fases de aquisição da linguagem, sendo elas: fase pré-linguística (de 0 a 12 meses), fase de uma palavra (de 12 a 18 meses), fase multivocabular inicial (de 18 a 24 meses) e fase multivocabular inicial tardia (de 24 a 30 meses). A segunda acredita que as categorias lexicais e funcionais estão presentes na GU da criança desde o começo do seu desenvolvimento linguístico e independem de maturação e fases de aquisição.

A partir dos anos de 1960, emergem correntes teóricas da Psicologia conhecidas como cognitivismo construtivista, de Piaget, e o interacionismo social, de Vygotsky. Para Piaget, a linguagem é concebida como um sistema simbólico de representações e as crianças a adquirem na superação do estágio sensório-motor. Após esse estágio, ocorre o desenvolvimento da função simbólica, que ocorre quando a criança compreende que um significante representa um objeto significado. A aquisição de linguagem estaria atrelada, então, ao desenvolvimento da inteligência da criança.

A influência dos estudos de Vygotsky se dá, de forma expressiva, nos anos 70. Scarpa (2012) aponta a mesma orientação construtivista de Piaget, contudo, Vygotsky credits que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento a origens sociais, externas, na interação entre a criança e o adulto. Além disso, fala e pensamento para o autor devem ser estudados sob um mesmo prisma e a atividade simbólica tem por função organizar o pensamento. Santos (2012) destaca que a união entre a fala e o pensamento ocorre por volta dos dois anos de idade, dando origem ao comportamento verbal. Há ainda as conhecidas hipóteses de aquisição de linguagem baseada no uso e na imitação.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa tem viés qualitativo, uma vez que se propõe a analisar fenômenos que retratam aspectos pessoais, psicológicos. Nesse tipo de pesquisa, há liberdade para utilizar diversos métodos e técnicas. A pesquisa descritiva encontra-se presente na pesquisa qualitativa, contribuindo significativamente com essa. Há também o estudo bibliográfico, realizado como a primeira parte da pesquisa e retomado na fundamentação da análise dos dados obtidos na pesquisa de campo.

O objeto dessa pesquisa é a fala infantil e o estudo sobre o que a oralidade demonstra a respeito do processo de aquisição de linguagem. Os sujeitos são alunos de uma turma de berçário “B”, com faixa etária entre 18 e 24 meses, de uma creche municipal de Anápolis.

Na parte da pesquisa de campo, o primeiro passo foi o envio de ofício à diretora da creche municipal selecionada e à professora da turma cujos alunos seriam objetos de estudo. Com o aval da diretoria e da professora, foi solicitada a autorização dos pais dos alunos, por meio de uma reunião e da assinatura de um documento concedendo ou não a participação de seus filhos na pesquisa. Foi ressaltado que as crianças participantes da pesquisa teriam seus nomes preservados, e seriam identificadas pela referência de C1 a C9.

Após essa fase, foram realizadas algumas visitas de observação na turma selecionada. A partir disso, foi observada a oralidade das crianças em situações cotidianas informais, na sala de aula. Posteriormente, foram desenvolvidos três tipos de atividades que tinham como foco explorar a fala das crianças de forma natural e lúdica. Cada atividade foi realizada com uma criança por vez, em ambiente separado da sala de aula, apenas com a presença da pesquisadora e da criança. Os experimentos foram gravados em áudios e os dados foram, posteriormente, transcritos e analisados.

A primeira atividade buscou analisar a compreensão auditiva das crianças. A pesquisadora trabalhou com fotos das próprias crianças e que já são utilizadas no momento da chamada. A pesquisadora solicitou à criança que procurasse sua própria foto e a entregasse. Feito isso, as fotos são viradas para o lado avesso e misturadas, e a criança tem que encontrar sua foto novamente. Na última parte da atividade, a pesquisadora aponta e pergunta quem são as crianças presentes nas demais fotos.

A segunda atividade desenvolvida foi chamada de “Figura Misteriosa”. Foram utilizadas cinco gravuras relacionadas ao cotidiano infantil, sendo elas: Galinha Pintadinha, Patati Patatá, Xuxa, Pintinho Amarelinho e um bebê. A pesquisadora mostra todas as gravuras para a criança, uma por vez, para verificar se ela é capaz de reconhecer todas as imagens ali representadas. Após isso, as crianças observam as fotos novamente, mas com uma tira de papel cobrindo uma parte da gravura, de modo que a parte descoberta seja suficiente para identificá-la. Essa atividade tem o intuito de

analisar a capacidade de observação, a percepção espacial, a memória e, principalmente, a fala das crianças.

A terceira atividade desenvolvida foi chamada de “Os nomes dos objetos”. Oito objetos são dispostos em fila, à frente das crianças. A pesquisadora pede às crianças que peguem e entreguem os objetos a ela, um por vez. Após essa etapa, a pesquisadora dispõe os objetos em fila novamente, pega um objeto por vez, mostra à criança e pergunta o nome de cada objeto. Essa atividade tem por objetivo analisar a oralidade das crianças, as construções linguísticas por elas produzidas.

A observação

No período de observação, foi possível constatar que a professora e, também a auxiliar, buscam um ambiente de interação com as crianças, as quais são incentivadas a falar e a aprender novas palavras de acordo com o que estão estudando e com situações do dia a dia. De modo geral, as crianças são bem participativas, embora tenham ainda algumas dificuldades para se manterem concentradas todo o tempo, o que pode ser atribuído à própria faixa etária.

Os alunos demonstram aprender bastante pela repetição de vocábulos integrantes da rotina escolar e também pela imitação. Eles são incentivados a repetirem dias da semana, números, condições do tempo, cumprimentos, as palavras mágicas, entre outros, e acabam incorporando as expressões ao vocabulário através do uso. Desse modo, é possível perceber a influência da abordagem behaviorista, uma vez que elas estão sendo condicionadas a produzir determinadas expressões linguísticas. E, por outro lado, é inegável a presença da abordagem construtivista, visto que o ambiente de interação coopera com o desenvolvimento da linguagem.

Em relação à fala das crianças, notou-se a diferença no desenvolvimento de cada criança. De forma genérica, elas compreendem e obedecem aos comandos e produzem pequenas sentenças de sentido completo. Algumas crianças comunicam-se mais que as outras, interagem mais com a professora, a auxiliar e os colegas, utilizando sentenças com mais de duas palavras. Entretanto, uma minoria ainda se expressa por gestos e monossílabos.

Dados das atividades

Considerando a aplicação das três atividades, constatou-se que as crianças, em sua maioria, foram capazes de atender às instruções dadas. Apesar da delimitação de faixa etária corresponder à fase multivocabular inicial, de Radford, foi possível perceber características da fase anterior, conhecida como fase de uma palavra, em algumas crianças. Essas crianças comunicam-se

essencialmente por uma palavra e apresentam, em algumas situações, um tipo de fala não-compreensível, mas que parecem ter significado para elas.

Quanto ao aspecto gramatical, constatou-se que as sentenças utilizadas pelas crianças são de curta extensão alcançando um máximo de quatro palavras e possuem sentido completo. Cezario e Martelotta (2008, p. 210) afirmam que de acordo com Radford “ a estrutura da sentença de crianças nessa terceira fase de aquisição assemelha-se à chamada “sentença curta” do adulto [...]”.

No registro de falas, foi possível observar substantivos, verbos e locuções verbais, contudo não se constatou a presença de adjetivos e preposições. Houve a ocorrência de pronomes demonstrativos como “esse”, advérbios de negação e de lugar como, por exemplo, em uma fala de C1: “ Esse aqui não ”. Também foi identificado o uso do pronome pessoal do caso reto “eu” em determinadas situações.

Percebeu-se que em relação aos verbos, não há domínio de todas as flexões verbais. Há algumas formas isoladas, geralmente na terceira pessoa do singular para referirem-se a si próprias. Uma importante característica da fase multivocabular inicial é a fixação dos parâmetros de ordem das palavras. Notou-se que na maioria dos registros de fala é predominante a ordem canônica (sujeito + verbo+ complemento).

287

Durante o período da pesquisa de campo, especialmente na fase de observação, observou-se uma relação entre a imitação e o uso de vocábulos em sala de aula. A rotina de atividades e a prática pedagógica incentivam a imitação de palavras, que passam a ser incorporadas no vocabulário das crianças através da repetição e do uso. Não foram observadas sobregeneralizações³ nos registros de fala, sendo válido ressaltar que elas ocorrem na faixa etária entre 2 e 3 anos, de acordo com Grolla e Silva (2014, p.69).

Por meio da análise da oralidade das crianças, foi possível constatar o quanto o desenvolvimento da linguagem é significativo de uma semana para outra e ao mesmo tempo como ele é particular. Mesmo na mesma faixa etária e com características em comum, é perceptível que a oralidade de algumas crianças é mais desenvolvida que outras. As abordagens de cunho construtivista podem tentar justificar isso partindo do princípio de que a linguagem está diretamente associada à cognição enquanto a inatista buscar explicar a aquisição de linguagem com base na ideia de que as propriedades linguísticas são inerentes ao ser humano, que é dotado de uma gramática universal.

³ Sobregeneralizações são construções usadas pelas crianças, na fase de aquisição de linguagem, e que não são encontradas na fala adulta. Grolla e Silva (2014, p.68) fornece exemplos como “eu trazi” e “eu fazi”. Nessas construções, as crianças estão utilizando a regra de conjugação dos verbos regulares para os irregulares.

Considerações finais

A aquisição da linguagem se dá de diversas maneiras. Há momentos em que a imitação é utilizada, em outros, o uso é enfatizado. Há ainda situações em que podem surgir reforços positivos ou negativos, características do comportamentalismo. Não se pode negar a contribuição das abordagens construtivistas relacionando a aquisição de linguagem à cognição e na linha sociointeracionista, a inclusão do fator social nesse processo. Além disso, a questão de a linguagem ser inata ainda não pode ser completamente descartada.

Pelas teorias abordadas nesse artigo, foi possível verificar que há pontos de conflito em todas elas. À medida que uma nova teoria apresenta os pontos fracos de outras, acaba por não resolver todos os dilemas acerca desse assunto. Evidenciou-se que nenhuma teoria conseguiu explicar integralmente sobre a aquisição da linguagem. A presente pesquisa aponta características de diferentes teorias presentes na oralidade das crianças, o que pode indicar que há, de certa forma, uma espécie de trabalho em conjunto nesse sentido.

É válido reiterar que há diversas teorias sobre a aquisição de linguagem, sob o ponto de vista de diferentes áreas do conhecimento, e que aqui foram tratadas as que mais têm se destacado. Há ainda várias questões abertas sobre o tema. A linguagem seria inata ou adquirida? Como a parte extralinguística associa-se à linguística? Como explicar a produção de sentenças inéditas? Apesar desses questionamentos e tantos outros, as teorias desenvolvidas até os dias atuais fornecem muitas contribuições sobre a aquisição da linguagem e instigam a continuidade das pesquisas, devido à sua relevância e ao impacto que podem produzir em diferentes contextos, tal como o ensino e a aprendizagem de língua materna.

Referências

- CEZARIO, M. M. C.; MARTELOTTA, M. E. . Aquisição da linguagem. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). Manual de linguística. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 207-216.
- GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. Para conhecer aquisição da linguagem. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANTOS, Rachel. A Aquisição da Linguagem. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística I objetos teóricos**. 6 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 211- 225.
- SCARPA, E.M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, volume 2. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.241-271.